

## MARX E OS POVOS DA TERRA: confrontos e confluências

*MARX Y LOS PUEBLOS DE LA TIERRA: confrontaciones y confluencias*

Jean TIBLE<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo (USP)

**Resumo:** Quais os sentidos de pensar, pesquisar e lutar com Marx hoje? Propõe-se aqui confrontar a tradição marxista com certas lutas dos povos da terra, no Brasil e nas Américas.

**Palavras-chave:** Pesquisa-luta. Marx. Povos indígenas.

**Resumen:** ¿Cuáles son los sentidos de pensar, investigar y luchar con Marx hoy? Se propone acá confrontar la tradición marxista con ciertas luchas de los pueblos de la tierra, en Brasil y en las Américas.

**Palabras clave:** Investigación-lucha. Marx. Pueblos indígenas.

### Introdução

O livro *Marx Selvagem* saiu em 2013 (fruto de tese defendida no ano anterior) e teve outras três edições posteriores (Tible, 2019) e depois se desdobrou numa segunda obra (Tible, 2022). Eu parti de uma bagagem marxista heterodoxa, tendo sido formado por militantes que vinham da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo que se orientavam politicamente pela busca de uma democracia operária. Fui também muito influenciado por Michael Löwy, marxista herético, que me foi apresentado por esses mesmos metalúrgicos. Meu impulso de

<sup>1</sup> Professor Doutor do DCP-USP, possui doutorado em Sociologia pela Unicamp. Tem experiência nas áreas da Relações Internacionais e Política, com ênfase nos seguintes temas: Marx, Política Externa Brasileira, Revoltas e Movimentos Sociais e Políticos, Teoria de Relações Internacionais e Teoria Política. E-mail: jeantible@usp.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8255-2030>.

pesquisa, no doutorado, foi o de estudar Marx, tentando interpelá-lo com certas lutas contemporâneas.

Mas, primeiro, de que Marx se trata? Um fato importante, acerca da obra do pensador revolucionário, se situa na incompletude do seu trabalho. Esta possui duas facetas.

Por um lado, Marx não concluiu muitos dos livros que lemos hoje, devido às dificuldades materiais, de saúde, da vida mesmo, e também de uma ambição desmedida, até no bom sentido, chegando quase a ser uma obra infinita. Com a MEGA2 (Marx-Engels-Gesamtausgabe), novos materiais ainda chegam até nós, mas, mesmo antes disso, textos importantes, como *A Ideologia Alemã*, foram publicados somente no início do século passado (na primeira MEGA, tentativa de publicar suas obras completas – como Marx, 1844).

Sua obra é, porém, incompleta em outro sentido, mais decisivo para mim, que é sua própria metodologia. Isso está, por exemplo, nos prefácios que eles fazem, Marx e Engels (1848), às reedições do Manifesto Comunista, nos quais fazem correções e ajustes. De forma talvez surpreendente, Jacques Derrida (1994), no começo dos anos 1990, quando Marx estava bastante – digamos – demodê, escreveu *Os espectros de Marx*. E o filósofo chama a atenção no fato de nenhum autor praticamente insistir que a sua contribuição era para ser, era, vamos dizer, como Derrida lê, uma herança ativa. Não se deve pegar Marx tal qual, pois isso é pouco marxiano. Honra pouco o próprio espírito (e propósito) dele, pois Marx não deixou uma filosofia ou até mesmo um pensamento acabado. A saída dele, jovem, da filosofia (ou para uma outra filosofia, (Marx, 1843b)) está conectada a uma perspectiva que não é exatamente uma filosofia, um pensamento, mas é um pensamento-luta (Marx, 1880).

Marx está sempre, desse modo, clamando por ser confrontado com o aqui e agora de novas (e velhas) coletividades em lutas, ou velhas também em novos momentos, e igualmente no sentido espacial. Por que ler, trabalhar, pensar e lutar com Marx no Brasil contemporâneo, na América Latina, nas Américas, no planeta Terra hoje, frente aos rudes desafios contemporâneos (gravíssima crise climática, guerras e genocídios, desigualdades obscenas e exploração desenfreada)?

## 1. Protagonismo indígena

A minha geração, de quem começou a ter uma atuação política de meados para o fim dos anos 1990, é marcada por uma extraordinária emergência indígena nas Américas. A

### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

insurreição zapatista em Chiapas, em 1994. Os vários levantes no Equador, com suas derrubadas de presidentes. O primeiro grande protesto no Chile contra a governança democrática, que não rompeu com o (Augusto) Pinochet, não pôde, não quis ou não conseguiu, é dos Mapuche, em 1997. E no próprio Brasil, Ailton Krenak (2015) fala da pessimamente chamada descoberta, em 1500, dos indígenas pelo Brasil, e faz um paralelo com o fim dos anos 1970 e começo dos anos 1980, que é uma descoberta do Brasil pelos indígenas.

Esse protagonismo do movimento indígena cresceu muito, e hoje vemos sua expressão tanto no cinema e no teatro, na política e no pensamento. Ou podemos convocar o grande acontecimento, um dos livros mais importantes da história do país, que é *A Queda do Céu*, escrito por Davi Kopenawa e Bruce Albert (2010), fruto de uma amizade e parceria de décadas. Sempre estranhei como o marxismo tende a ignorar ou não levar em conta a riqueza dessas lutas-criações, tendendo a se fechar em afirmações mais dogmáticas ao invés de dialogar (e se transformar) com essa exuberância de lutas indígenas presentes. O intuito do meu trabalho nesses últimos anos foi esse, de contribuir a pensar neste encontro, que se produz – com fricções – nas próprias lutas.

## 2. Marx e a questão colonial

Um primeiro passo para compor um Marx interpelado, tensionado pelas cosmologias ameríndias, é situá-lo a respeito do colonialismo. E é interessante que a gente pode falar que o Marx tem dois temas que são um tanto tensos na obra dele e ambos têm um elo com a questão indígena. Uma é a questão colonial. Marx tem passagens horripilantes com Engels sobre situações na Índia, na Argélia e nas Américas (Tible, 2019). É melhor que os franceses colonizaram mesmo a Argélia, porque não vai ficar com esses beduínos ladrões. Ou é melhor os enérgicos, os ianques cuidarem da Califórnia, porque os mexicanos preguiçosos não sabem o que fazer com ela. Ou a Índia, que está num marasmo, numa sociedade sem nenhum dinamismo social, dizem os parceiros, e que podem ocorrer coisas interessantes a partir da invasão inglesa e capitalista. Mas o que é interessante é que eles se transformam. Não sei se eles deixam exatamente uma perspectiva eurocêntrica, mas isso é pouco importante. A ideia não é a de salvar o Marx e o Engels, eles também têm seus problemas, obviamente. É importante salientar que ambos são sempre críticos das mazelas coloniais, mas que pensavam que um certo sentido da flecha do tempo daria num resultado direcionado a uma revolução, apesar de todas

### MARX E OS POVOS DA TERRA

as mazelas e violências dessa caminhada capitalista. O que me parece interessante é como que, a partir do momento em que Marx, inclusive mudando para Londres, tendo mais contato com as notícias e com as lutas anticoloniais, e também devido ao desenvolvimento das suas pesquisas (se tornando mais anticapitalista no decorrer dos anos – ou seja, a balança entre as agruras e possibilidades positivas se inverte) vai ter uma mudança de postura e isso vai se refletir nos textos e posições.

Engels contribui, por exemplo, no contato dele com a Irlanda, onde essa virada se inicia: os amigos passam a caracterizá-la como a primeira colônia da Inglaterra. E como a questão irlandesa era fundamental para pensar uma revolução na Inglaterra, pois tinha toda a questão de tensões e rivalidades entre o proletariado irlandês e inglês, os irlandeses eram acusados de baixarem os salários e também o conflito com a Irlanda como um dos motivos para manter um exército que poderia servir para esmagar revoltas proletárias na Inglaterra. Laços centro-periferia. Essa mudança de chave permite também uma nova apreensão e posições, como na condenação da Segunda Guerra do Ópio na China e da invasão francesa do México, além da simpatia para com as revoltas anticoloniais na Índia (quando anos antes, tinha escrito passagens horíveis de uma feia fé no progresso capitalista que daria sequência a formas superiores).

E esse afeto alcança os indígenas, num episódio que não é tão conhecido. O revolucionário russo Kovalevski, passando por Londres, deixa para Marx o livro *Sociedade Antiga*, de Lewis Morgan, um dos primeiros antropólogos. Pela primeira vez ele tem contato com uma sociedade livre do Estado e do capital. E na mesma época, Marx estava estudando a questão da propriedade fundiária na Rússia no contexto da redação do terceiro tomo de *O Capital*. Marx e Engels largam, nos anos anteriores, as classificações de estágios de desenvolvimento (que depois estarão nos manuais estalinistas da União Soviética) e percebem uma forma de posse coletiva comunal da terra, mundo afora, por toda parte – na marca, no Peru, que tem o mesmo nome, inclusive, na Alemanha antiga, e também na própria Índia e na Argélia. E vai marcar bastante o apaixonado pesquisador a existência do *mir*, da comuna rural russa, chegando até a cogitar, na troca com a revolucionária Vera Zasulich um caminho original para a revolução envolvendo a revivescência dessa instituição comunal, conjugada a uma revolução na Europa Ocidental. A propriedade comunal da terra é uma base fundamental contra a qual o capitalismo dá os seus primeiros golpes, o que se expressa no famoso capítulo da acumulação primitiva em *O Capital*, que fala também da questão da escravidão, da colonização das Américas e tudo mais, ligado à expropriação das terras camponesas (Marx, 1867).

#### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

### 3. Marx anarquista?

Um segundo tema e tensão se coloca no que toca ao Estado. Reconheço tratar-se de uma visão um tanto inabitual, mas Marx, para mim, tem muito mais afinidade com a linhagem anarquista ou anarco-comunista do que uma linhagem estatal, estatista, estado-cêntrica a qual, tanto marxistas quanto detratores tentaram resumir sua perspectiva política. Esse ímpeto libertário está presente até nos estudos durante a lua de mel dele (!), quando vai acertar as contas com Hegel e afirma que na verdadeira democracia o Estado desaparece (Marx, 1843a). E isso vai estar constantemente presente na obra dele. Na Comuna de Paris, um momento em que Marx retoma um prumo libertário (ou, melhor, o acentua – nesses é difícil diferenciar o que ele ou Bakunin teriam escrito), coloca que a Comuna era a forma política enfim encontrada para a emancipação do trabalho (Marx, 1871). E isso é fundamental, porque a luta ensina, a luta cria. No princípio, era movimento. Marx (1875) critica fortemente, em *Crítica do Programa de Gotha*, a ideia de “Estado popular” dos alemães influenciados pela figura fundamental da social-democracia (Ferdinand Lassalle). E por que estou falando isso? Porque o método é a luta. Inclusive, o Gramsci falava que a única coisa que se pode prever científicamente é que haverá luta (Bensaïd, 1997), porque é uma questão de dignidade, se quiser, da classe, se quiser, das coletividades subalternizadas. E, nesses dois aspectos citados (questões colonial e estatal), essa leitura de Marx permite uma conversa com as políticas ameríndias. Por quê? Porque a figura, plural, das sociedades contra o estado-capital-colonial é onipresente nas coletividades indígenas nas Américas.

### 4. Contra-colonial

E, nesse sentido, é muito bonita e também poderosa, conceitual e politicamente, a proposta de Nêgo Bispo (2023) do contra-colonial, que fala justamente de como coletividades que, na verdade, nunca foram vencidas, embora tenham sido esmagadas em vários momentos, mantém esse impulso. E é daí que tem uma grande carga utópica, do que se pode chamar de comunismo, socialismo ou anarquismo, que bebe diretamente das construções políticas e existenciais dos povos originários nas Américas. La Boétie (1549), que escreve um dos textos mais poderosos, libertários do pensamento político, o faz, não por acaso, no século 16, quando

#### *MARX E OS POVOS DA TERRA*

já chegaram e continuam chegando relatos justamente do mal chamado Novo Mundo. Ele não pensaria uma obra, esse grito contra o absolutismo se não estivessem presentes as notícias de outras formas de se organizar coletivamente.

E, além disso, acho que tem uma questão muito básica, empírica e material, do materialismo das lutas, porque, se a gente for olhar as últimas décadas nas Américas, o ator mais frequentemente visto em embates contra os projetos capitalistas são os povos indígenas. Isso está no *Idle no More* no Canadá, em *Standing Rock* nos Estados Unidos, em Chiapas e no México, em toda parte, a Bolívia, o Peru, Chile, o Brasil. Basta notar que mesmo São Paulo, onde se tentou ignorar durante um certo tempo (embora ainda pouco tempo atrás não se falasse português na cidade, se falasse a língua geral), existe um belo experimento político e cósmico na Kalipety, no Extremo Sul da cidade, onde foram retomadas terras em novembro de 2013, autogeridas por um conselho composto majoritariamente por mulheres e por jovens e não mais um cacique e um capitão.

Existe uma incompatibilidade radical entre o que a gente poderia chamar de modo de vida capitalista e os variados modos de vida indígenas, que é uma palavra que abrange centenas de povos. Uma é a questão da propriedade. A própria definição de indígena, ou de autóctone, é basicamente anticapitalista, porque é a pessoa que pertence à terra. Ou seja, o afeto capitalista é proprietário, indicando o seu oposto: a terra pertence a alguém e muitas vezes muita terra é possuída por pouquíssimas pessoas. E, ao pertencer a alguém, não pertence mais às outras pessoas. Então, tem uma incompatibilidade fundamental nisso. Até porque – e isso se desdobra – a terra não é exatamente um solo como algo dissociado do que seriam as pessoas. Porque a terra, ou elementos que a gente chama de natureza, são muitas vezes parentes, inclusive. Então, você não pode vender um parente. Em geral, também não pode poluir um parente ou maltratar um parente.

Quando José Carlos Mariátegui (1928; 1926; 1925; 1930), esse ilustre e fantástico marxista latino-americano peruano, vai defender o *ayllu* (terra comunal andina), ele o está defendendo como uma posse territorial coletiva. Mas não é somente isso. A terra é coletiva também no sentido em que a rígida diferença entre o que se chama às vezes de humanos e não humanos, ou natureza e cultura, não opera exatamente dessa forma. Aí se coloca uma interessante e contundente tensão, entre perspectivas marxistas e indígenas, pois se a defesa da terra em comum se aproxima, seus motivos éticos e políticos diferem fortemente.

#### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

No livro já citado de Davi Kopenawa com Bruce Albert (2010), sua defesa da floresta me parece, antes de tudo, uma defesa estética – que não deixa de ser concreta, pois, vivida, nas atividades cotidianas, na beleza. A floresta é bonita. E ela é formosa quando mantém o seu fluxo de vida. E ela, obviamente, grita quando é violentada e massacrada. Kopenawa relata que as árvores fazem exatamente isso ao serem derrubadas. Não necessariamente a gente pode ouvir, ou talvez seja mais preciso dizer que não quer ouvir. Em determinadas mobilizações, o motivo é simplesmente uma montanha sagrada ou uma queda d'água que também o é. E não só isso. E aí começa a entrar uma questão sensível que a montanha – e outros elementos naturais – podem ter uma agência. E ela pode então se vingar, inclusive; Davi chega até a propor compreender o aquecimento global como vingança da Terra (Kopenawa, 2022). Isso, no contexto marxista, poderia ser percebido como sem sentido, mas, num enfoque pragmático, e essa palavra não é evidentemente pejorativa, se os povos mais engajados em práticas anticapitalistas pensam e lutam nesses termos, existe algo a se levar seriamente em conta. Temos inclusive obras recentes, no norte da América, de pesquisadores indígenas marxistas, como Glenn Sean Coulthard (2014) e Nick Estes (2019), que traçam caminhos desse entendimento.

## 5. Ciência cosmopolítica

Élisée Reclus (1869), um geógrafo francês anarquista, comunardo, falava que um riacho é muito mais forte que o Amazonas, porque o esforço que ele faz para furar a pedra e poder seguir seu fluxo é proporcionalmente muito mais violento. Essa imagem, interessante, remete à questão de a montanha ter uma agência. Isso vai contra completamente um senso comum amplamente partilhado entre nós, de que, por exemplo, a pedra é inerte. Ou, quando alguém está em uma situação ruim e está em coma, diz-se que a pessoa está em estado vegetal, o que é totalmente equivocado, porque justamente os vegetais se movem tanto que é a massa viva mais pesada do planeta, muito mais do que a gente, animais. É uma forma de vida que é extremamente forte, inclusive por ser descentralizada. Você pode tirar uma parte e a coisa continua. Então, dependendo da planta, você pega um galho, enfia na terra e já vai virar outra árvore.

Mas, retomando, isso também traz de volta a questão da pedra. O antropólogo Mauro Almeida (2023), conta que iam dar curso no Acre para povos indígenas. Ele é um biólogo, e o

### *MARX E OS POVOS DA TERRA*

biólogo começava falando o que é a vida. Por exemplo, que a pedra não vive. Aí os alunos falavam, não, para a gente a pedra está viva. Aí o biólogo falava, não, mas se eu ponho a pedra aqui em cima da mesa, ela não vai se movimentar. E respondiam, de fato não, mas se a gente cortar seu braço e o colocar também em cima da mesa, ele tampouco vai se movimentar. Ou seja, tem toda uma questão que é interessante, porque não é exatamente uma proposta de um Marx hippie, mas a de levar sério a potência política e de pensamento dos povos indígenas, o que envolve a questão de ciência.

O conhecimento de Davi Kopenawa do povo da mercadoria, que somos nós, das pessoas que, para pensar com Nêgo Bispo, têm baixa (ou quase nenhuma) imunidade contra o capital-colonial, vem de sua formação xamânica. E o que é a formação xamânica? É a ingestão de *yakoana* em contexto ritual. Ou seja, o seu método científico envolve o uso de substâncias psicoativas, em rituais e protocolos antigos e rígidos. Mauro Almeida (2021), novamente, vai associar os conceitos de anarquismo ontológico e encontros pragmáticos. O que quer dizer isso? O anarquismo ontológico significa que não existe um só mundo e isso é fundamental para a gente, porque se achamos que tem um mundo só, estamos sendo extremamente violentos, porque estamos aniquilando múltiplas formas de se conceber e de estar no planeta. Só que também o anarquismo ontológico pode fazer pensar que vale tudo. Então vale também o negacionismo, do aquecimento global, por exemplo. Como se responde a isso? Compreendo que o anarquismo ontológico está ligado a encontros de verdades pragmáticas. Um exemplo muito importante, nesse contexto, se situa nas advertências de xamãs e lideranças indígenas há séculos sobre a questão da crise climática por vir, a respeito do total desequilíbrio ambiental do colonialismo e do capitalismo.

O conhecimento botânico dos povos indígenas é inclusive reconhecido pelo próprio capital, pois quantidades significativas de remédios e comidas vêm dos povos originários (Narby, 1995). Existem muitos mundos e um planeta. O marxismo não pode, desse modo, estar do lado dos caçadores das bruxas, e sim deve se colocar do lado das bruxas, que é uma forma também de compreender a luta de classes e a luta de classes na própria questão do conhecimento e da ciência.

A questão da natureza é, assim, fundamental e talvez um dos autores mais influentes do pensamento político, da filosofia política, Thomas Hobbes (1642; 1651), tem uma frase que é muito interessante: o homem é o lobo do homem. Que não exatamente dele, mas o filósofo recupera um antigo provérbio romano. E é um relato extremamente poderoso e vitorioso,

#### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

embora questionado por uma série de povos, coletividades e mais, de um mundo de competição desenfreada e permanente. E essa ideia nos é martelada incessantemente. Ou seja, vale tudo da competição, a lei da selva. É muito interessante que a lei da selva fala muito mais sobre quem inventa esse conceito do que a respeito da própria selva. Obviamente que a floresta não é um espaço idílico e existe nela uma luta também pela vida e competição.

Isso existe, é palpável, mas, inclusive muitos pensadores indígenas colocam e tem uma coisa muito cuidadosa e é uma coisa que sempre aparece nos mais variados relatos, nas contribuições orais e escritas indígenas, que é uma certa inconsequência do povo da mercadoria, que se pensa desvinculado. Ou seja, justamente porque, nos contextos indígenas, tudo é percebido como potencialmente perigoso, tem que ser muito mais cauteloso. A assim chamada natureza tem uma série de agências. Tanto que a própria questão da caça, muitas vezes a caça praticamente se doa à pessoa e não se pode caçar muito porque, se romper essa reciprocidade, vai ter uma vingança do espírito da espécie caçada, por exemplo. E se dá algo em troca, mantendo esse fluxo. Ou seja, tem toda uma questão de reciprocidade e uma coisa que aparece recorrentemente também nas contribuições ameríndias olhando para a gente, povo da mercadoria, dizendo que essa turma tem um problema grave, sendo extremamente sovina e pouco generosa, tudo querendo e não dando nada, quebrando ciclos de reciprocidades da vida – as consequências estão agora escancaradas.

## 6. Apoio mútuo como base

E Kropotkin (1902) insiste que, na verdade, o apoio mútuo como fator de evolução reconhece que entre espécies tem uma guerra e uma disputa, mas o geógrafo anarquista russo insiste que entre as espécies o desenvolvimento se deu por conta do apoio mútuo, e dá uma vasta sequência de exemplos, na chamada natureza, ao longo do livro. Isso também se expressa – e isso é muito interessante e, mais, fundamental – na ação humana. Ou seja, ao considerar as conquistas coletivas que vêm dos últimos séculos (salário mínimo, aposentadoria e previdência, direito à saúde, à educação, à cultura, de associação), tudo isso veio antes do mutualismo operário ou camponês ou dos povos da terra. O que o Estado fez foi estatizar. E ao fazê-lo, tem um sentido interessante de, às vezes, ampliar o alcance dessas políticas, mas tem também uma questão de alienar as pessoas que se beneficiam disso, distanciá-las do seu controle. Kropotkin (1906) tem essa visão de que a política é uma disputa permanente entre uma tradição, uma

### *MARX E OS POVOS DA TERRA*

linhagem libertária e outra autoritária. Isso está o tempo todo se processando, esse combate ocorre incessantemente. Ou seja, se é a luta que cria, a rebelião que cria, então isso também traz uma perspectiva não necessariamente otimista, porque é muito difícil ser otimista no mundo à beira da Terceira Guerra Mundial e com o planeta em combustão. Pensando em Walter Benjamin (1929), lendo os surrealistas (em particular Pierre Naville), cujo manifesto completa um século em 2024, é a ideia de organizar o pessimismo.

## 7. Linhagem

E acho que aí também tem uma questão importante de saber da nossa força. Por isso quando falo das e dos Guarani, que apesar dos quinhentos e poucos anos de massacres, seguem firmes, lutando e criando. É um caso fascinante. Nos anos 1970, quem amava os povos indígenas ou quem os detestava tinham certeza que em 2025 não teríamos mais indígenas no Brasil. Era um certo consenso. O que aconteceu? Não só isso não ocorreu, como tem uma multiplicação fundamental e em vários sentidos em curso. Você pega a revolta do Malês em Salvador, em 1835 (Reis, 2003). Todo o processo repressivo que segue busca embranquecer Salvador e mandar a galera embora. Nitidamente não deu certo. É interessante perceber toda uma linhagem potente de luta, porque ela é o nosso chão, é o nosso solo, é a materialidade das lutas. São batalhas muito longas. Quando os zapatistas mandam aquela caravana para a Europa, num barco, inclusive a primeira pessoa a pisar na Europa é uma mulher trans, zapatista, o primeiro recado dado é “não fomos conquistados” (CCRI-EZLN, 2021). Isso tem a ver com essa ideia do Bispo e do contra-colonial e da imunidade dos quilombolas e outros povos da terra frente a esse projeto de aniquilação. Obviamente a coisa é muito adversa e a gente vem de séculos de massacres, mas a partida está sendo jogada.

Eu sempre penso em Dourados, no Mato Grosso do Sul, na Zona Oeste do Rio e na Baixada Fluminense ou ainda no Sul do Pará. Creio que são exemplos bastante marcados de um abismo existencial brasileiro. E como isso não é pautado quase por nenhum grupo político, nem os de esquerda tanto, não está nem colocado, digamos, na arena pública. E isso daí é meio que nem a questão colonial, é um bumerangue que volta e vai militarizando o Brasil todo. O sul do Pará é particularmente forte, pois tem o buraco da Vale, que eu acho que é um retrato mais fidedigno desse abismo existencial. O que sai de um buraco desse? Sai o minério. Minério para o modelo exportador para a China, que dá algumas divisas extremamente mal distribuídas,

### MARX E OS POVOS DA TERRA

e depois não tem mais nada nesse buraco. Talvez, em alguns milhões de anos, a coisa possa se regenerar, mas, no caso, acho que as lutas regeneram. Por exemplo, o assentamento terra-vista do Joelson, do pessoal todo ali da Teia dos Povos, se você ver a foto do fim dos anos 1990, a foto de hoje, você vê que foi regenerado e envolve uma longa duração da luta camponesa, no Brasil e no mundo (2025 marca os quinhentos anos do assassinato de Thomas Münzer (Bloch, 1921; Engels, 1850), uma liderança de uma revolta camponesa no que hoje chamamos Alemanha, sendo uma espécie de Rosa Luxemburgo do seu tempo).

## 8. Espectros

Inclusive, e com isso vou terminar, tem essa figura que o Islã usa muito, a religião muçulmana, a figura dos mártires. As Ligas Camponesas, que é um movimento belíssimo, começam no engenho Galileia (num nome sugestivo, que se refere a Terra Santa, ou seja, na Palestina, mas se situa ali no interior de Pernambuco). E, pergunta Josué de Castro (1975), os camponeses estavam reivindicando terra? Não. Estavam reivindicando melhores condições de trabalho? Não. Estavam reivindicando o direito de enterrar com dignidade seus mortos. Dignidade. Porque não tinham dinheiro, estando na pobreza extrema, a prefeitura emprestava um caixão e, na hora de colocar sete palmos abaixo do solo o corpo da pessoa que tinha partido, tirava do caixão e colocava sem ele. Eles falavam, não, a gente não pode, a gente já sofreu tanto, não podemos entrar com essa roupa do lado de lá. Isso não é correto. E é a partir disso que a Liga Camponesa se forma. Dizem que o patrão do Engenho Galiléia não era tão ruim que até autorizou sua criação e depois foi criticado por seus pares. E foi um movimento que não pôde nem desabrochar mais porque veio o golpe de 1964, inclusive contra esse pânico cubano-maoísta no interior do Nordeste, que é um pouco também um dos âmagos existenciais do Brasil, que é não por acaso que o *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, também dessa época, traz isso, esse sertão mítico, potencialmente revolucionário, uma revolução que tem a ver, obviamente, com Canudos, que é um dos grandes tesouros do que a gente pode chamar de um outro Brasil, brasis. E o próprio Conselheiro, nos diz Clóvis Moura (2000), está no panteão dos abolicionistas. Antônio Conselheiro pregava no momento, ainda antes da abolição, justamente em território onde os sertões se encontravam, saindo do interior do Ceará, para chegar ali para Bahia. E pregava e usava uma roupa similar a que as pessoas escravizadas usavam. E o que é Canudos? É a comuna da terra, é essa utopia de uma fartura e de uma prosperidade dos de baixo, com suas

### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

barrancas de cuscuz e rios de leite. E também é interessante citar na questão das revoltas, dá impressão que as revoltas as vezes são esparsas e que elas somem, mas elas estão ali também um pouco como a toupeira de Marx, que é cega e está debaixo da terra e de repente irrompe, eclode.

Um dos exemplos mais tocantes que eu li nesses últimos anos, é a história de Débora Maria da Silva (2016), figura emblemática e fundadora das Mães de Maio. Débora estava se deixando morrer, ela estava deprimida, como tantas dessas mães que foram assassinadas. E aí, um dia, ela tem um sonho com o filho, o filho levantando ela e jogando ela para a vida de novo. Ela vai tomar banho no dia seguinte, achando que teve somente um sonho, e ao passar sabonete no braço, sente uma dor e vê as marcas dos dedos do filho nos seus braços. Isso constitui uma reviravolta e Débora vai do luto para a luta. Os mortos também lutam e tal belo exemplo nos traz uma dimensão importante, que a subversão é muito mais espraiada do que nossa vã filosofia marxista tende a supor.

A própria natureza, quando falamos antes da lei da selva, tem relatos interessantíssimos de biólogos, entomólogos e outros que estudam os grandes primatas. Por exemplo, no contexto dos bonobos, que foram conhecidos mais recentemente. Diz o Frans De Waal (2007), que morreu recentemente, que o nosso imaginário e práticas puxaram muitos chimpanzés que são realmente mais violentos, embora a nossa violência humana seja muito superior à deles, mas também dos bonobos podem ser também um modelo de lidar com os conflitos de forma distinta o que é uma riqueza se pensarmos na força do punitivismo, inclusive na forma de lidarmos com os nossos conflitos.

Tem todo um potencial de transformação e riqueza de modos coletivos de vida e mesmo de organização política, nas plantas, animais e fungos (Margulis, 1998; Mancuso, 2019; Luxemburgo, 1917) que podem ter um vínculo com Marx, com as lutas por igualdade, autonomia e liberdade. E aí vamos ter exemplos fascinantes, por exemplo, esse mistério das formigas, em que está se discutindo ainda, porque parece que metade não faz nada. Mas tem uma questão aí, é a própria questão que é importante, sobre as formigas, a respeito da rainha. Aí você vai pensar, obviamente, como um ser humano básico, que a rainha manda em todo mundo. Mas não é exatamente isso. De novo, diz mais sobre quem está denominando-a de rainha do que sobre como as formigas se organizam. Ou seja, ela é mais uma mega-reprodutora da coletividade das formigas do que uma que manda em todo mundo, não sendo tão aficionadas por hierarquias quanto nós.

#### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

## 9. Nova universidade?

Algo forte aconteceu nas universidades brasileiras, com as ações afirmativas, iniciadas no início do século. Uma democratização muito incipiente e em curso, que se liga ao que François Tosquelles (1975), catalão refugiado da Guerra Civil Espanhola, que foi se abrigar em Saint Alban, na França, falava da psicoterapia institucional – temos que tratar da instituição, que esta também é enferma, doente. Ou seja, as universidades vivem esse problema também, apesar de serem também um espaço maravilhoso de encontro, de elaboração, e por isso também sempre perseguida por quem quer evitar as transformações.

Penso que existe um elo entre tais mudanças recentes e toda essa exuberância de Jerá Guarani (2020; 2025), Davi Kopenawa, Nego Bispo e tantas mais. Essas, no entanto, não são exatamente e unicamente pensadores. Guilherme Moura Fagundes (2024) insiste que não se pode compreender o pensamento do Nego Bispo fora de atividades cotidianas e comunitárias, dos ofícios e habilidades da roça. Suas reflexões estão intrinsecamente ligadas a atividades coletivas do dia a dia do Quilombo Saco Curtume, seja na pescaria, moagem de cana, feitura de farinha ou lavrando a terra. E quem eram os comunardos e as comunardas da Comuna de Paris (Ross, 2021)? Eram também pessoas de ofícios (ourives, tipógrafos, pintores, carpinteiros...). O capital, o Estado e o colonialismo buscam nos desapropriar, nos expropriar das formas coletivas de vida, tanto de capacidade de elaboração coletiva quanto das formas mais básicas de subsistência. E creio que se situa nisso, nesse encontro e nessa confluência, um significado forte para pensarmos e lutarmos com o Marx hoje. O que é honrar ou estar com o Marx? Aprender das lutas e se transformar.

## Referências

ALMEIDA, Mauro. “Anarquismo ontológico e verdade no Antropoceno”. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, 2021.

ALMEIDA, Mauro. **Comunicação pessoal**, 27 de setembro de 2022.

BENJAMIN, Walter. “Teses sobre o conceito da história” (Tese 7). In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987 [1940].

BENJAMIN, Walter. “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia” (1929).

## MARX E OS POVOS DA TERRA

In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENSAÏD, Daniel. **Marx, o intempestivo**: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999 [1997].

BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer, teólogo da revolução**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973 [1921].

CASTRO, Josué de. “A reivindicação dos mortos” (1975). In: FERNANDES, Bernardo Mançano Fernandes; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter (Orgs.). **Josué de Castro**: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CCRI-EZLN. “Uma montanha em alto-mar”. In: LACERDA, Mariana; PELBART, Peter Pál (Orgs.). **Uma baleia na montanha**. São Paulo: n-1, 2021.

COULTHARD, Glen Sean. **Red skin, white masks**: rejecting the colonial politics of recognition. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**: o Estado da dívida, o luto do trabalho e a nova Internacional. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 [1993].

ENGELS, Friedrich. “As guerras camponesas na Alemanha” (1850). In: ENGELS, Friedrich. **A Revolução antes da revolução – Vol. 1**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ESTES, Nick. **Our history is the future**: Standing Rock versus the Dakota Access Pipeline, and the Long Tradition of Indigenous Resistance. Londres: Verso, 2019.

GUARANI, Jera. “Tornar-se selvagem”. **Piseagrama**, n. 14, 2020.

GUARANI, Jera e Lucas Keese dos Santos – Ruka. “Tenondé Porã – Autonomia e Diversidade”. **Teia dos povos**, 4 de fevereiro de 2025.

HOBBES, Thomas. **Do cidadão**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1642].

HOBBES, Thomas. **Leviathan or the matter, forme and oower of a common-wealth ecclesiasticall and civil**. Yale University Press, 2010 [1651].

KOPENAWA, Davi e Bruce Albert. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [2010].

KOPENAWA, Davi. “Para mim, o termo mudança climática significa vingança da Terra”. Entrevista para Ana Maria Machado, **Sumaúma**, 22 de novembro de 2022.

KRENAK, Ailton. “Eu e minhas circunstâncias” (por Sergio COHN, dezembro de 2013). In: COHN, Sergio (Org.). **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

KROPOTKIN, Piotr. **Apoio mútuo**: um fator de evolução. São Paulo: Biblioteca Terra Livre,

#### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

2021 [1902].

KROPOTKIN, Piotr. **L'État, son rôle historique**. Paris: Temps Nouveaux, 1906.

LA BOÉTIE, Étienne. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo, Brasiliense, 1999 [1549].

LUXEMBURGO Rosa. **Meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido**: uma carta da prisão para Sonia Liebknecht, 24 de setembro de 1917.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu, 2019.

MARX, Karl. **Crítica à filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010 [1843a].

MARX, Karl. **Carta de Marx a Arnold Ruge**, setembro de 1843b.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004 [1844].

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política (livro 1: o processo de produção do capital). São Paulo: Boitempo, 2013 [1867] [Cap. 24 – A Chamada Acumulação Original].

MARX, Karl. Troca de cartas entre Karl Marx e Vera Ivanovna Zasulitch (1881). In: LÖWY, Michael (Org.). **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **A guerra civil na França** (maio de 1871). São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl e Friedrich Engels. **Manifesto comunista** (1848). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012 [1875].

MARX, Karl. “Enquete operária”. **La Revue socialiste**, 20 de abril de 1880.

MARGULIS, Lynn. **Planeta simbótico**: um novo olhar para a evolução. Rio de Janeiro: Dantes, 2022 [1998].

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2008 [1928].

MARIÁTEGUI, José Carlos. “O homem e o mito” (1925). In: LÖWY, Michael (Org.). **Por um socialismo indo-americano**: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. “A agonia do cristianismo, de Dom Miguel de Unamuno” (1926). In: LÖWY, Michael (Org.). **Por um socialismo indo-americano**: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. “Aniversário e balanço” (1928). In: LÖWY, Michael (Org.).

#### **MARX E OS POVOS DA TERRA**

**Por um socialismo indo-americano:** ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. “Duas concepções da vida” (1930). In: LÖWY, Michael (Org.). **Por um socialismo indo-americano:** ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

MOURA, Clóvis. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos:** da destruição do Belo Monte ao aparecimento do MST. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MOURA FAGUNDES, Guilherme. **Comunicação pessoal**, 30 de setembro de 2024.

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica:** o DNA e a origem do saber. Rio de Janeiro, Dantes, 2018 [1995].

RECLUS, Élisée. **Histoire d'un ruisseau**. Paris: Actes Sud, 1995 [1869].

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil:** a história do levante dos malês 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ROSS, Kristin. **Luxo comunal:** o imaginário político da Comuna de Paris. São Paulo, Autonomia Literária, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu e Piseagrama, 2023.

DA SILVA, Débora Maria. “Do luto à luta: Débora Maria, mãe de Rogério”. In: CARAMANTE, André (Org.). **Mães de Maio:** dez anos dos crimes de maio de 2006. São Paulo: Editora nós por nós, 2016, p. 24-26.

TIBLE, Jean. **Marx selvagem**. São Paulo, Autonomia Literária, 2019 [2013].

TIBLE, Jean. *política selvagem*. São Paulo, n-1 e Glac edições, 2022.

TOSQUELLES, François. “Frantz Fanon em Saint-Alban” (1975). In: TOSQUELLES, François. **Uma política da loucura e outros textos**. São Paulo: sobinfluencia e Ubu, 2024.

DE WAAL, Frans. **Eu, primata:** por que somos como somos. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.